FACULDADE Eficaz
BOLETIM

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A REALIDADE ENFRENTADA PELOS ALUNOS

BUCZEK, Yohana Graziely de Oliveira

Resumo: A educação do campo surgiu dos movimentos sociais iniciados pelos camponeses em 1920, mas somente de duas décadas para cá que ganhou espaço e atenção especial. O tema a ser abordado é as dificuldades enfrentadas pela educação do campo atualmente, foi realizada uma pesquisa qualitativa através de um questionário aplicado a alunos e professores que buscou analisar quais as maiores dificuldades enfrentadas atualmente. Podemos concluir através dessa pesquisa que a evasão escolar e a repetência ainda são duas grandes dificuldades enfrentadas pelos professores do campo, os alunos têm uma participação ativa na renda familiar e normalmente enfrentam de dois a quatro quilômetros por dia para chegarem à escola.

Palavras-chave: Educação Do Campo. Escola Rural. Pedagogia Do Campo.

Abstract: The field of education arose from social movements initiated by the farmers in 1920, but only two decades here who won space and attention. The issue to be addressed is the difficulties faced by the education field today, qualitative research through a questionnaire administered to students and teachers who sought to analyze what the major difficulties currently faced was performed. We can conclude through this research that the dropout and repetition are still two major difficulties faced by teachers of the field, students have an active participation in family income and usually face two to four kilometers a day to reach school.

Keywords: *Rural Education, Rural School, Field Pedagogy*

1. INTRODUÇÃO

A educação do campo surgiu das demandas dos movimentos camponeses na construção de uma política educacional para os assentamentos da reforma agrária, atribuímos à educação do campo, a política educacional voltada para o território camponês. A educação é uma política social que tem um importante caráter econômico, porque desenvolve as condições sociais políticas necessárias para o desenvolvimento, dessa forma para o desenvolvimento do território camponês se faz necessário uma política educacional que atenda a diversidade da população, e entenda a mesma como a protagonista dessas políticas e não como usuários (FERNANDES, 2000).

Os avanços conquistados através desses movimentos são: obtenção de marcos legais e programas educacionais voltados a esses sujeitos, inserção do tema nas pesquisas das universidades públicas, garantir a articulação política e pedagógica e ao acesso ao conhecimento científico e vincular os processos de ensino com a realidade social (FRIGOTTO, 2001).

Fernandes (2005) atribui ao campo uma política de educação que esteja voltada para o desenvolvimento do campo, como parte do campo brasileiro, esse território camponês é um meio específico que possui sua organização baseada no trabalho familiar.

A educação do campo tem avançado nas últimas décadas no esforço em busca de uma metodologia que de conta dos aspectos pertencentes a esfera rural e destacando as características próprias de cada realidade, mas para que isso seja atingido é necessário um esforço integrado entre escola e comunidade para se conhecer a realidade na qual a escola está inserida.

Na educação e pedagogia do campo, parte-se da particularidade e singularidade dadas pela realidade de homens e mulheres que produzem suas vidas no campo. Todavia, não se postula o localismo e nem o particularismo, mediante os quais se nega o acesso e a construção do conhecimento e de uma universalidade histórica e rica, porque é a síntese do diálogo e da construção de todos os espaços onde os seres humanos produzem sua vida. Educação e conhecimento apontam para uma sociedade sem classes, fundada na superação da dominação e da alienação econômica, cultural, política e intelectual (FRIGOTTO, 2011).

Sabemos que a realidade escolar da educação do campo é particular de cada ambiente. A reflexão acerca das temáticas sobre a educação no campo está em ascensão no Brasil nos últimos anos. Dessa forma julga-se necessário verificar os desafios ainda enfrentados pela educação do campo. A presente pesquisa contribuirá para sabermos os desafios enfrentados na realidade da educação do campo.

2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM PARADIGMA GERAL

Grande parte das pessoas ligadas ao movimento pela educação no campo tem se voltado para a redução das desigualdades e precariedade da educação, o que é uma das realidades marcantes da educação do campo, as condições de funcionamento das escolas são extremamente precárias, 75% das escolas não dispõem biblioteca, 98% não possuem laboratório de química/ciências, e 92% das escolas não possuem acesso a internet (MOLINA, 2011).

Outro grande problema é a insuficiência da oferta educacional, há uma cobertura maior para os anos iniciais do ensino fundamental, há uma média de relação de matrícula no meio rural de que para duas vagas dos anos iniciais existe uma para os anos finais. A taxa de escolarização no ensino médio é extremamente baixa (15 a 17 anos) representa 30,6% do total, essas baixas taxas correspondem ao alto índice de distorção idade-série que já se manifestam no ensino fundamental, poucos desses jovens conseguem chegar à faculdade (KERSTENETZKY, 2005).

O movimento a Educação no Campo conseguiu grandes avanços na legislação que reconhecem as condições necessárias para que o direito a educação se exerça também no campo:

- Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo: Resolução CNE/CEB nº1/2002 e Resolução CNE/CEB nº 2/2008;

- Parecer nº 1/2006 que reconhece os dias letivos da alternância, também homologado pela CEB;

- Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera);

Nos marcos legais temos o Decreto 7.352/2010 onde está reconhecido o direito a universalidade a educação quanto a obrigatoriedade do Estado em promover intervenções que atendam as especificidades necessárias para que se cumpra esse direito. Porém ainda precisa muita luta para fazer valer de verdade esses direitos até então conquistados no papel (KERSTENETZKY, 2005).

3. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

A educação no campo vem conquistando espaço nos últimos anos nos debates e nas políticas educacionais no Brasil. Observamos a continuidade do êxodo rural que se intensificou nas décadas de 60 e 70. A educação do campo não emerge de um vazio e nem de políticas públicas, é fruto de um movimento social, da organização coletiva dos trabalhadores diante do desemprego, da precarização do trabalho e ausência de condições matérias de sobrevivência para todos. (BORDENAVE, 1981).

A educação do campo nasceu como critica a realidade da educação brasileira, especialmente a situação educacional do povo que trabalha e vive no campo. E tratou-se de uma crítica pratica: lutas sociais pelo direito a educação, a luta pela terra, pelo trabalho e igualdade social, e condições de uma vida digna de seres humanos (SILVA, 1999).

Os protagonistas do processo de criação da educação do campo são os movimentos sociais de luta pela reforma agraria e particularmente o MST. Uma importante mudança de teoria e de prática no que se refere a educação rural foi o movimento social desencadeado para a construção de uma escola do campo vinculada ao processo de construção de um projeto popular para o Brasil, que inclui um novo projeto de desenvolvimento para o campo. Nesta orientação foram realizadas diversas conferências, sendo a primeira "Por uma educação básica do campo" realizada em 1998 e organizada pelo MST (Movimento dos Sem-terra), CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) (CALDART, 2004).

A educação do campo passou a ser alvo de uma importância maior o que pode ser observado na II Conferência Nacional por uma Educação do Campo, acontecida um Luiziana (GO) em 2004. Participaram desta inciativa representantes de movimentos sociais, sindicas e outras organizações sociais do campo e da educação de universidades e de ONG's.

Uma grande conquista no conjunto das organizações do campo foi a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, essas Diretrizes definem a identidade da escola do campo. EM 2003 o Ministério do Trabalho instituiu um Grupo Permanente de Trabalho Educação do Campo e em 2004 criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) contemplando em sua estrutura a Coordenação Geral de Educação do Campo.

4. A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Desde 1920 quando a educação rural começou a ocupar espaço na problemática educacional as experiências educacionais se pautam pela lógica da educação como propulsora do desenvolvimento social, mesmo com o aumento do número de escolas rurais desde 1920 a educação continuou precária não conseguindo garantir a escolaridade mínima fundamental ao homem do campo, ainda temos os altos índices de evasão escolar e repetência, professores rurais sem a formação necessária. (CAVACO, 2002). Segundo o IBGE o Brasil possui uma parcela de 11,4% da população de 15 anos ou mais que declara não saber ler nem escrever, o quadro piora quando se trata do campo, onde um quarto da população se declara analfabeta. O percentual de pessoas do campo que declara não saber ler nem escrever chega a 25,8%, enquanto na área urbana esse percentual cai para 8,7%.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foi realizada uma pesquisa qualitativa com alunos e com professores de uma escola do campo, 20 alunos e 5 professores responderam aos questionários.

Aos alunos foram questionados a respeito das condições socioeconômicas da família, todos responderam que a base socioeconômica da família é a agricultura familiar. Quando foram questionados a respeito da sua origem 80% dos alunos são de famílias agricultoras e 20% são de famílias participantes do Movimento Sem Terra. Ao serem indagados sobre a distância que percorrem 60% dos alunos percorrem uma média de dois quilômetros para chegar a escola, 30% dos alunos percorrem uma média de três quilômetros e 10% dos alunos percorre uma média de quatro quilômetros ou mais, porém todos eles dependem de ônibus para chegar até a escola. Quando falamos em participação dos alunos na renda familiar, todos os alunos participam diretamente da renda familiar ajudando seus pais nos trabalhos e nas lavouras.

Aos professores quando falamos de sua cidade de origem 60% deles são da cidade de Araruna – PR e 40% da cidade de Campo Mourão, todos eles possuem ensino superior, mas somente dois (40%) possui pós-graduação em Educação do Campo. Todos os professores responderam que procuram sempre inovar nas suas aulas, trazendo diferentes métodos pedagógicos para suas aulas. Quando conversamos a respeito do rendimento dos alunos os professores responderam que é uma taxa média, onde apenas alguns alunos se destacam, o índice de aprovação é de 60% e a evasão escolar apresenta uma taxa de 40% nos anos finais do ensino fundamental.

Foi possível perceber as grandes dificuldades da educação do campo, os governantes não estão dando a devida atenção para as escolas do campo, deveria ser investido mais em formação de professores, para que esses sejam capacitados para trabalhar no campo, pois podemos perceber através da pesquisa que nem todos tem uma pós em educação do campo, percebe-se também a necessidade de programas sociais que incentivem os alunos do campo a concluírem seus estudos, pois foi visto que o índice de evasão/reprovação escolar ainda é grande.

A falta de investimentos nas escolas do campo é outro ponto que merece atenção especial, temos escolar em situações precárias, laboratórios de ciências na maioria delas não funcionam, falta materiais a estrutura está bastante danificada, isso de certa forma acaba desanimando os alunos e professores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Canário (2000) afirma que pensar a escola é refletir, em primeiro lugar, sobre o espaço em que se situa suas necessidades e fragilidades, mas também suas potencialidades. A escola precisa

estar em sintonia com as mudanças que acontecem no local, com as novas necessidades criadas e recriadas e com as expectativas de formação que vão se constituindo de acordo com o modo de vida e de trabalho, que também estão em transformação. Desse modo as escolas rurais ainda precisam de incentivos e uma atenção especial dos governos, os professores precisam desenvolver propostas pedagógicas que incentivem os alunos a permanecerem na escola, evitando desse modo a repetência e diminuindo os índices de evasão escolar, para que os alunos sejam os agentes transformadores da sua qualidade de vida através dos estudos. Cabe aos governos criarem programas de desenvolvimento social para combater as taxas de analfabetismo, os professores devem conscientizar os pais da importância dos estudos para que esses ajudem os alunos em casa, cobrando que os filhos se dediquem.

7. ANEXOS

Questionário dos alunos

1). Qual a renda mensal de sua família?

2). Qual sua origem familiar? (Agricultor, pescador, MST, entre outros)

3). Qual a distância que percorrem até chegarem na escola?

4). Qual sua participação na renda familiar?

Questionário dos professores

1). Qual sua formação e cidade de origem?

2). Quais métodos pedagógicos você utiliza em suas aulas?

3). Qual o rendimento dos seus alunos? A taxa percentual de reprovação e evasão escolar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BORDENAVE, J.D.; WERTHEIN, J. (Org.). **Educação rural no terceiro mundo**: experiências e novas alternativas Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

CALDART, R.S. **Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da educação do campo**. In: MOLINA, M.C.; JESUS, S.M.S.A. Por uma educação do campo: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo. Brasília, DF: Articulação Nacional "Por uma educação do campo", 2004

CANÁRIO, R. **Educação de adultos**: um campo e uma problemática. Lisboa: EDUCA; ANEFA, 2000.

CAVACO, C. **Aprender fora da escola**: percursos de formação experiencial. Lisboa: EDUCA, 2002.

FERNANDES, B. M. **Movimento Social como Categoria Geográfica**. *In Revista Terra Livre* nº 15. São Paulo: AGB 2000.

FERNANDES, B. M. **Questão Agrária**: Conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: Luta pela Terra Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil. Unicamp, 2005

KERSTENETZKY, C. L. **Políticas sociais**: focalização ou universalização. Niterói: UFF, 2005.

MOLINA, M. C. **Escola do Campo**. *In: CALDART*, Roseli Salete et al. (Org.) Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: IESJV, Fiocruz, Expressão Popular, 2011.

SILVA, J.F.G. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. Campinas: Editora do Instituto de Economia da UNICAMP, 1999.